



UFRJ
UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO DE JANEIRO

CENTRO DE LETRAS E ARTES - CLA
ESCOLA DE MÚSICA - EM
DEPARTAMENTO DE MUSICOLOGIA
E EDUCAÇÃO MUSICAL

CÓDIGO: 237

Ponto 5:

No que se refere às artes, discorra, por meio de reflexão crítica, sobre as implicações da estrutura (organização e princípios) da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), no ensino da música em um dos níveis da Educação Básica (Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio).

Ponto 6:

Tendo em vistas as metodologias ativas de Educação Musical desenvolvidas a partir do século XX, discuta suas influências e adaptações à realidade do ensino de música na Educação Básica no Brasil.

Ponto 9:

Faça uma reflexão sobre o uso e a integração dos conceitos de apreciação, criação e prática interpretativa no ensino de música. Como conclusão, apresente uma proposta pedagógica que ilustre sua reflexão

Ponto 6

O tema que discorre sobre as metodologias em Educação Musical (Ed. M) é um tema rico e plural. A revolução da pedagogia, da psicologia e da pediatria na virada entre os séculos XIX e XX, fomentou o surgimento de diversos pensadores e pedagogos para o campo da ciência de ensinar e aprender música. Parte do trabalho desses educadores foi forjar metodologias de ensino. Trabalhos como o de Marise Fonterra da (2005) elencou esses em dois grupos: os educadores da 1ª Geração, como Emille Jaleroze e Zoltan Kodaly na Europa e Sá Pereira e Brazzi de Sá no Brasil; e os da 2ª Geração, como Murray Shayffer e Keith Swornick em âmbito Internacional e Joaquim Kollwoiteur no Brasil. De forma geral, esses métodos ainda são edificados em modelo Eurocentrado de compreender a música, seus personagens e suas culturas. Dois exemplos acerca da influência e adoções à realidade brasileira são pertinentes para essa discussão.

O tema sobre o corpo e a música foi amplamente divulgado e estudado por Emille Jalero e entre o final do século XIX e início do XX. Um dos trabalhos escritos pelo autor, traduzido e organizado para a língua portuguesa por Batalha e Justi (2023), demonstra, ainda que mediado por repertório clássico, que fazer música é também lidar com o corpo como potência rítmica, sensível e sonora. Na realidade brasileira, ainda tendo o corpo como instrumento do aprendizado musical, temos o método "O Passo" do professor e pesquisador Lucas Ciavatta. Segundo Ciavatta, no livro organizado por Mateiro e Harri (2016), a música brasileira é a principal referência para a formulação e execução do método "O Passo". Ele não apenas serve para ensinar, aprender e tocar a música do Brasil, como também impulsiona a criação, a habilidade e a identidade nacional. Esse tipo de exemplo demonstra como é possível pensar a música e seus ensinamentos de forma decolonial e inclusiva.

O segundo exemplo de influência e adaptação está no pensamento filosófico do alemão Kollweiter. Dois alunos do pensador são exemplos caros para essa temática. A professora Teca de Brito (2003, 2019) discorre em seus livros, as influências do trabalho do músico para sua pedagogia junto às crianças em sua oficina de música. Nesse espaço, Brito oferta e promove um aprendizado em música por meio da criação, apreciação e interpretação, utilizando música brasileira, fazendo uso de elementos materiais e simbólicos da cultura nacional. Outro aluno, o Doutor e professor Carlos Kater, também edificou em sua proposta, chamada "Música da Gente", uma Educação Musical voltada para a música que é realizada dentro da comunidade dos seus discentes. Influenciado por um modelo de educação onde o pensamento conservatorial não é o fundamento, Kater vem elaborando, junto aos seus alunos, uma gramática musical inclusiva, respeitosa e promotora da autonomia dos sujeitos.

Tendo em vista que o berço da Ed. M é oriundo de uma epistemologia europeia e que seus autores forjaram tratados importantes sobre a prática de ensinar e aprender música, é necessário edificar uma relação dialógica e equilibrada entre os saberes em Ed. M na Educação básica brasileira. Com isso, trazer para as salas de aula de nosso país, uma música que fortaleça suas regionalidades, identidades e criações por meio de um olhar não hierárquico dos saberes em música.

Portanto, como bem observa Maura Penna (2015), os ensinos de música(s) devem ser pensados nas suas pluralidades, evidenciando que a prática no ensino básico deve se distanciar de uma poesia musical absoluta. Nesses passos, o educador musical deve fortalecer práticas de ensino que reflitam as vidas da realidade sonora do Brasil, na interculturalidade de ações, na sociabilidade e respeito às diferenças, na promoção de nossos educadores e artistas e na proximidade com a vida dos alunos e espaços educacionais da realidade brasileira, na e para a Educação Básica.

Ponto 9

A integração entre apreciação, criação e prática interpretativa é um tema fundamental para um ensino de música integral e rico. Essa relação circular foi largamente evidenciada e promovida no Brasil por meio dos escritos do inglês Keith Swanick, no seu livro "Ensimando Música, Musicalmente". Segundo seu artigo escrito com Cecília Franca na Revista da ABEM de 2002, o CLASP não é um método, mas um modo filosófico de pensar a Ed. M em uma perspectiva de completude do fazer musical. Esse tripe, que deve ser indissociável nas diversas práticas do ensinar e aprender música, representa a importância da apreciação ser ativa e crítica, da criação ter identidade, protagonismo e respeito, e da prática interpretativa refletir modos não espelhados da ação musical. O modelo CLASP não se configura uma ação isolada, mas um roteiro essencial que representa a música como fazer social.

Como proposta para que alunos possam vivenciar essa experiência tripla e ao mesmo tempo singular, propõe-se um planejamento de aulas para o 6º ano do Segmento fundamental divididos em 2 encontros de 50 minutos, cada. O tema das aulas será "O corpo e os sons" e terá a percussão corporal como caminho para vivenciar a criação, interpretação e apreciação.

1ª Aula → Os alunos são convidados para uma área livre. O professor solicita que eles façam uma roda, logo assim discorre sobre o corpo e os sons, dando apenas alguns exemplos. Os alunos devem, depois dessa etapa, virar de costas para a roda e criar sonoridades com o corpo. Depois de alguns minutos, os alunos deverão se virar, e quem desejar, demonstrar sua percussão corporal para que outros alunos possam apreciar. Após essa demonstração, os alunos serão separados em grupos e criarão coletivamente um ritmo, que também pode ser acompanhado do canto. O professor deve passar nos grupos para ajudar e compartilhar ideias.

O próximo passo da aula é convidar os alunos a partilharem suas criações. Depois, voltar para o espaço da sala de aula e refletir sobre os acontecidos daquela aula. Os alunos poderão falar sobre como foi o processo criativo, como foi interpretar e como viveram a escuta durante a apreciação. Todas as criações devem ser filmadas.

2ª Aula - O professor inicia a aula recorrendo à memória dos alunos sobre a última aula. Depois disso, coloca na televisão o vídeo da performance dos alunos para que eles se vejam e se escutem novamente. A seguir, o docente coloca para tocar o áudio da música "Baiana", interpretada pelo grupo brasileiro de percussão corporal "Barbatuques". Como a música é bastante difundida na cultura popular atual, os alunos podem falar o que pensam da coreografia. O professor deve realizar questionamentos como: Quem, quais sons, onde e como. Após isso, ele deverá colocar o vídeo da performance do grupo, evidenciando que os instrumentos sonoros usados daquela música, que eles tanta ouvem, é o corpo,

Após uma escuta ativa e diálogo, o professor dividirá os alunos nos mesmos grupos da última aula e solicitará que eles pratiquem novamente suas criações anteriores e criem uma escrita livre desses ritmos. Uma partitura não convencional. Ao fim dessa divisão, os alunos vão trocar entre grupos as partituras para que o outro grupo possa interpretar, através do corpo, suas criações.

Ao fim dessa partilha, todos poderão conversar a partir da perspectiva do modelo B.L.A.S.P de Keith Swanwick, sendo o professor o mediador na integração entre os três pilares do pensamento do autor inglês.

Por fim, atividades como a acima demonstrada, se vivenciadas e facilitadas por um pensamento colaborativo e imersivo entre a integração dos três elementos, tendem a formar integralmente a vivência do ensino de música. Como bem pondera o educador Rubem Alves, em seu livro de crônicas educacionais, a educação deve formar asas e não gaiolas. Por isso, é

preciso que as atividades em música fomentem a criação, a colaboração e a integração entre a apreciação, criação e prática interpretativa.

Ponto 5

O tema referente a música e a BNCC é diverso de opiniões e vem sendo debatido em diferentes conferências e encontros da ABEM, do FLADEN e da ANPPOM. Para pesquisadores, como o ex-presidente da ABEM, Ricardo Queiroz, a BNCC tem poucos contributos para o avanço da Ed. M. no ensino básico. Durante sua fala, em uma mesa de debates do Congresso anual da entidade (2022), Queiroz defende que o formato em que a BNCC se apresentou, retorna a música como um dos eixos das artes, remontando seu conhecimento ao modelo de polivalência da década de 1970. Outrossim, o pesquisador evidencia o caráter neoliberal do documento, que foi edificado por meio de competências para um mundo de produção pouco profissionalista.

Mesmo tendo essas críticas importantes, é possível evidenciar avanços necessários no ensino de música no âmbito da Educação Infantil. (9) | 8

Mesmo que sendo entendido como uma "unidade temática", e não uma linguagem, a música pode compor com mais presença suas Práticas nos códigos e descritores do documento.

Temas como a escuta, a criação, a estesia, o brincar, perceber os sons da natureza, conhecer e reconhecer repertório folclórico, tocar e experimentar formas e sons, entre outros, fazem parte de um corpo de ideias evidenciadas nas competências e habilidades na Educação Infantil por meio da música.

Outrossim, a estrutura do documento organizado para o ensino das Artes para a primeira infância, permite que o professor de música tenha uma variedade significativa de opções de projetos e modelos de aulas embasados no fomento ao protagonismo e autonomia dos crianças durante a edificação de competências e habilidades em artes e em música.

Portanto, e considerando o movimento pendular da música na legislação do Brasil, a música está

como um conhecimento importante nos códigos da Educação Infantil, entriquecendo o conhecimento das artes por meio da sensibilidade, do brincar e do criar. Como dita o poeta Manoel de Barros, "Eu penso remover o homem utilizando borboletas", por isso é preciso que a música se faça presente na formação da primeira infância de forma essencial. Considera-se assim, que a implicação da BUC e sua relação com música, no nível da Educação Infantil, tem contributos necessários para a Educação Básica no país.